

**Mais Fundamentos para a Hipótese de Proximidade
Genética do Araweté com Línguas do Sub-ramo V da
Família Tupí-Guaraní**

**(Further Foundations for the Hypothesis of Genetic Proximity of the
Araweté Language to the Languages of Sub-set V
of the Tupí-Guaraní Family)**

Ana Suelly Arruda Câmara CABRAL*
Eliete de Jesus Bararú SOLANO*

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)

RESUMO

Neste artigo, desenvolve-se, com ênfase em aspectos morfossintáticos, uma análise contrastiva de dados lingüísticos do Araweté e de línguas representativas de quatro subconjuntos orientais da família lingüística Tupí-Guaraní (subconjuntos IV, V, VI e VIII), cujos resultados apontam para uma maior proximidade genética do Araweté com as línguas do subconjunto V, como havia sido proposto por Rodrigues (1985), quando dados dessa língua ainda eram bastante limitados. O estudo fornece também indicações de estágios anteriores, a partir dos quais o Araweté teria se diferenciado das demais línguas do seu subconjunto.

PALAVRAS-CHAVE

Morfossintaxe. Relações Genéticas. Diversificação Lingüística. Modelo Arbóreo. Família Lingüística Tupí-Guaraní.

* Sobre as autoras ver páginas 64/65.

ABSTRACT

This paper deals with contrastive analysis with emphasis on morphosyntactic aspects of Araweté and other representative languages of four eastern sub-sets of the Tupí-Guaraní family (sub-sets IV, V, VI and VIII). The results showed a great degree of genetic proximity of the Araweté language to languages of sub-set V, as proposed by Rodrigues (1985), when Araweté was still scarcely known. The study also offers indications of previous stages of the Araweté language history, from which it would have differentiated from the other languages of sub-set V.

KEYWORDS

Morphosyntax. Genetic Relations. Family Tree Model. Tupí-Guaraní Linguistic Family.

Introdução

O presente trabalho¹ tem por objetivo apresentar evidências lingüísticas adicionais às consideradas por Rodrigues (1985) para classificar o Araweté² como pertencente ao subconjunto V da família Tupí-Guaraní. Pretende-se ainda demonstrar que, mesmo tendo desenvolvido características próprias que o distinguem como língua independente dentro dessa família, o Araweté compartilha certas características gramaticais com o Asuriní do Xingú e com o Anambé do Cairari, não compartilhadas com outras línguas setentrionais.

As constatações acima fundamentam a hipótese de que o desenvolvimento do Araweté como língua independente teria ocorrido quando da separação de seus falantes dos falantes das duas línguas, Asuriní do Xingú e com o Anambé do Cairari, como proposto por Rodrigues e Cabral (2002).

O presente estudo desenvolveu-se a partir de uma análise contrastiva de dados de línguas pertencentes aos subconjuntos IV, V, VI e VIII, que são as línguas da macro-região em que o Araweté é falado, para que o contraste de estruturas das línguas comparadas salientasse as suas afinidades e diferenças com as demais. Foram escolhidos para a comparação, além do Araweté, que é

¹ Na elaboração deste estudo, tivemos o privilégio de contar com observações críticas e a experiência em lingüística histórica do nosso professor Aryon Dall'Igna Rodrigues, a quem exprimimos aqui nossa gratidão. Quaisquer erros que possam ser encontrados são da inteira responsabilidade das autoras.

² A língua Araweté é falada por aproximadamente 310 pessoas, que habitam a margem esquerda do igarapé Ipixuna, afluente da margem direita do rio Xingu no Estado do Pará.

o foco do estudo, o Asuriní do Tocantins (subconjunto IV), o Wayampí (subconjunto VIII), o Kayabí (subconjunto VI), o Asuriní do Xingu e o Anambé do Cairarí (subconjunto V).

Nesta pesquisa, pretendemos contribuir com novos dados para a configuração arbórea da família Tupí-Guaraní (RODRIGUES, 1985; RODRIGUES e CABRAL, 2002), apontando as afinidades do Araweté com outras línguas e reunindo indicações de como se diferenciou das demais, através de mudanças contínuas. Salientamos, contudo, que não excluimos a possibilidade de algumas semelhanças do Araweté com determinadas línguas Tupí-Guaraní serem resultado de situações de contatos pré-históricos entre seus falantes.

Foram fundamentais para este estudo os trabalhos descritivos e comparativos existentes sobre as línguas comparadas, especialmente os estudos que focalizam mudanças diacrônicas na família Tupí-Guaraní e que incluem o Araweté entre as línguas comparadas (RODRIGUES, 1985; SOARES e LEITE, 1991; LEITE et al., 1999; RODRIGUES e CABRAL, 2002; CABRAL e SOLANO, 2003; SOLANO, 2004 e 2005), assim como os trabalhos descritivos sobre o Araweté, o Asuriní do Xingu e o Anambé, respectivamente, de autoria de Leite e Vieira (1998), de Monserrat (1998) e de Julião (2005). Também de importância fundamental para este estudo foi a obra *Araweté, os Deuses Canibais*, de autoria de Viveiros de Castro (1986).

Sobre os aspectos gramaticais selecionados³

Os aspectos gramaticais usados para a análise da hipótese de um maior grau de proximidade genética do Araweté com línguas do subconjunto V da família Tupí-Guaraní são, essencialmente, os critérios gramaticais usados por Rodrigues e Cabral (2002) na revisão da classificação interna da família Tupí-Guaraní proposta por Rodrigues (1985). Tais critérios têm-se mostrado

³ Símbolos e abreviaturas: ACUS = acusativo; ARG = argumento; em.rel.a = em relação a; FSG = feminino singular; CAUS = causativo; CCOM = causativo comitativo; CPREP = causativo prepositivo; CORR = correferencial; ENF = enfático; GER = gerúndio; HAB = habitual; IND.I = indicativo I; IND.II = indicativo II; INT = intencional; LOC = locativo; NA = não atestado pelo falante; NC = não contíguo; NEG = negação; NOM = nominalizador; MSG = masculino singular; P = pergunta; PL. = plural; PROJ = projetivo; R¹ = morfema relacional que marca a contigüidade do determinante; R² = prefixo relacional que marca a não-contigüidade do determinante; R³ = prefixo relacional que marca um determinante genérico (e humano); REL = relacional; S = singular; SUBJ = subjuntivo; TRANS = translativo; 1 = primeira pessoa; 1pl = primeira pessoa do plural; 1ps = primeira pessoa do singular; 12(3) = primeira pessoa inclusiva; 2 = segunda pessoa do singular; 23 = segunda pessoa do plural; 13 = primeira pessoa exclusiva; 3 = terceira pessoa do singular.

eficientes na demonstração dos graus de afinidades entre as línguas Tupí-Guaraní, por permitirem explicações plausíveis de como as línguas se diferenciaram, através dos tempos, a partir de um ancestral comum. Esses critérios, com ligeiras modificações, são apresentados a seguir:

- (1) existência ou não de um conjunto de prefixos correferenciais para todas as pessoas em verbos intransitivos e nomes;
- (2) existência de um modo indicativo II (ou modo circunstancial) acionado em todas as pessoas;
- (3) existência de um modo indicativo II (ou modo circunstancial) acionado apenas na primeira e na terceira pessoas;
- (4) existência de um modo indicativo II (ou modo circunstancial) acionado apenas na terceira pessoa;
- (5) ausência de um modo indicativo II;
- (6) distinção morfológica entre voz reflexiva e voz recíproca;
- (7) presença ou ausência de pronomes pessoais ergativos;
- (8) distinção entre marcas de primeira pessoa inclusiva de acordo com a transitividade do verbo;
- (9) presença de um sistema de partículas que associam funções epistêmicas de atestado / não-atestado pelo falante a noções temporais escalonadas.

Dos critérios acima, optamos por desconsiderar o (6), (7) e (9), pela necessidade de aprofundamento da descrição do Araweté quanto a essas características. Por outro lado, adicionamos quatro outros critérios, por julgarmos serem importantes para uma fundamentação mais ampla dos graus de proximidade do Araweté com as línguas do subconjunto V: a) expressão do paciente quando este é uma primeira ou uma segunda pessoa; b) existência de um morfema de negação *-jV*; c) presença de uma marca de subjuntivo derivável de *-rame* ~ *-ame*; e, d) presença de um sufixo atenuativo *ʔi*.

Existência ou não de um conjunto de prefixos correferenciais para todas as pessoas em verbos intransitivos e em nomes

A descrição do Araweté desenvolvida por Vieira e Leite (1998) identifica a existência de uma série de prefixos correferenciais para todas as

peçoas, que se combinam com nomes e com verbos intransitivos quando o determinante destes é idêntico ao sujeito da oração principal. Prefixos correferenciais com essa mesma distribuição foram também descritos para o Asuriní do Xingu (MONSERRAT, 1998), para o Asuriní do Tocantins (RODRIGUES e CABRAL, 2003) e para o Kayabí (WEISS, 1998). A forma da primeira pessoa correferencial do Araweté é, contudo, compartilhada apenas pelo Asuriní do Xingu, pelo Anambé do Cairari e pelo Kayabí⁴.

As línguas do subconjunto IV, como é o caso do Asuriní do Tocantins, embora possuam prefixos correferenciais para todas as peçoas, têm a forma *we(t)-* para a primeira pessoa do singular, ao passo que línguas como o Wayampí (JENSEN, 1990) do subconjunto VIII, possuem apenas o prefixo correferencial de terceira pessoa, com exceção do Ka'apór (KAKUMASU, 1986; CORRÊA DA SILVA, 1997; SILVA, 2001; CALDAS, 2001) e do Guajá (cf. MAGALHÃES, 2002), que não possuem formas correlatas desse prefixo. No quadro 1, abaixo, contrastamos a série de prefixos correferenciais do Araweté com as séries respectivas do Asuriní do Tocantins, do Asuriní do Xingu, do Kayabí e do Wayampí. Na primeira coluna à esquerda, incluímos as formas reconstruídas dos prefixos correferenciais do Proto-Tupí-Guaraní (PTG) (CABRAL, 2003; RODRIGUES e CABRAL, 2004), a partir das quais as formas dos prefixos correferenciais das demais línguas teriam se derivado:

Quadro 1 – Contraste entre a série de prefixos correferenciais do Araweté com as séries respectivas do Asuriní do Tocantins, do Asuriní do Xingu, do Kayabí e do Wayampí.

PTG	Asuriní do Tocantins	Asuriní do Xingu	Araweté	Anambé do C.	Kayabí	Wayampí	Glossa
*wi(t)-	<i>we(t)-</i>	<i>te(j)-</i>	<i>te(j)-</i>	<i>te-</i>	<i>te(j)-</i>	—	'1 corr ²
*e-	<i>e(s)-</i>	<i>e(j)-</i>	<i>e(j)-</i>	<i>ere-</i>	<i>e(j)-</i>	—	'2 corr ²
*já-	<i>sere(s)-</i>	<i>jere-, jere(j)-</i>	<i>u-</i>	<i>tire-</i>	<i>jare(j)-</i>	—	'12(3) corr ²
*oro- ∞ orow-	<i>oro- ∞ oron-</i>	<i>uru- ∞ uruw-</i>	<i>uru(j)-</i>	<i>uru-</i>	<i>oro(j)-/ aru-</i>	—	'13 corr ²
*pe-	<i>pesé(s)-</i>	<i>peʒ(j)- ~ peʒ(j)-</i>	<i>pe(j)-</i>	<i>pe-</i>	<i>peje(j)-</i>	—	'23 corr ²
*o- ∞ ow-	<i>*o-/ om-</i>	<i>o-</i>	<i>u-</i>	∅	<i>o-/ a-</i>	<i>o-</i>	'3 corr ²

Alguns exemplos que ilustram o uso de correferenciais nessas línguas são:

⁴ Há também vestígios de uma antiga forma *te-* em Tembé, mas derivável de *wi(t)*. (cf. SILVA e CABRAL, neste número).

Asurini do Xingu

- 1) *a-puraaj* **te-jat-a**
1-dançar **1 CORR-vir-GER**
'vim para dançar' (MONSERRAT, 1998, p. 17)
- 2) *kunumi* *u-ápike* **u-in-a**
menino 3-sentar **3 CORR-estar.sentado-GER**
'o menino está sentado' (MONSERRAT, 1998, p. 18)
- 3) *peje* *sa-a* **jare-jauk-a**
23.fazer 12-ir **12 CORR-banhar-GER**
'vamos banhar!' (MONSERRAT, 1998, p. 17)
- 4) *jandé* **jarej-uw-a** *sa-ru-ata* *ø-er-aa-w*
12(3) 12(3) **CORR-pai-Arg** 12(3)-CCOM-andar R²-CCOM-ir-ger
'nós fomos caçar com o nosso pai'

Araweté

Verbo Intransitivo

- 5) *a-há* *ku* *He* **te-ñĩ**
1-ir NA 1 **1 CORR-correr**
'eu saí correndo'
- 6) *u-há* *ku* *midé* *u-ñĩ*
3-ir NA 12(3) **123 CORR-correr**
'nós saímos correndo'
- 7) *u-há* *ku* **u-ñĩ**
3-ir NA **3 CORR-correr**
'ele saiu correndo'

O Araweté também usa os prefixos correferenciais em verbos posicionais, nomes e posposições, como observado por Leite e Vieira (1998):

Verbo Posicional

- 8) *ee* *ku* *u-puramu* **u-?ã**
3 NA 3-falar **3 CORR-estar.deitado**
'ele está falando deitado'

Nomes

- 9) *a-ha* **te-aj-we**
1-ir **1 CORR-casa-Loc**
'eu vou para minha casa' (LEITE e VIEIRA, 1998, p.13)
- 10) *a-mo-pẽ* *ku* *bé* **te-pá**
1-CAUS-quebrar-se ? 1 **1 CORR-mão**
'eu quebrei minha mão' (LEITE e VIEIRA, 1998, p.13)

Exemplos do Wayampí com o seu prefixo correferencial são:

Wayampí

Verbo intransitivo

- 11) *wajwĩ* *o-wã* **o-poroŋetá**
mulher 3-ir **3 CORR-falar**
‘a mulher chegou falando’

Nome

- 12) *awĩ* *o-watá* **o-ú** *r-upí*
esse 3-andar **3 CORR-pai** R¹-com
‘ele saiu com seu pai’

Modo Indicativo II

As línguas da família Tupí-Guaraní distinguem duas variedades do modo indicativo: o indicativo I e o indicativo II (RODRIGUES, 1953). No modo indicativo I, é o predicado que é focalizado; no indicativo II, é uma expressão adverbial que precede o predicado. No primeiro caso, o núcleo do predicado se combina com prefixos pessoais. Isso ocorre, contudo, apenas quando o agente de um verbo transitivo é uma terceira pessoa e o paciente, uma primeira ou uma segunda pessoa ou quando o agente é uma segunda pessoa e o paciente, uma primeira pessoa, casos estes em que o verbo se combina com prefixos relacionais (como será mostrado mais adiante). No indicativo II, o verbo núcleo, independentemente do fato de ser transitivo ou intransitivo, recebe prefixos relacionais e não prefixos pessoais, além de ser marcado por um sufixo exclusivo desse modo. No Asuriní do Xingu, o sufixo do modo indicativo II é *-i*, seguindo temas terminados por consoante e *-ø*, seguindo temas terminados por vogal (MONSERRAT, 1998). Nessa língua, o Indicativo II é acionado apenas nos casos em que o sujeito é de terceira pessoa:

- 13) *ʔ-aka-ø* *ø-pípe* *típe* *aʔe* *kunumi* *ø-muuk-i*
R³-casa-ARG R²-dentro só esse menino R²-lavar-IND.II
‘só dentro de casa a gente lava bebê’ (MONSERRAT, 1998, p. 21)
- 14) *Murawu-we* *ŋa* *ø-á-ø*
Murawu-LOC ele R¹-ir-IND.II
‘no Marawú ele foi’ (MONSERRAT, 1998, p. 21)

O Araweté perdeu o sufixo desse modo, mas os verbos continuaram a ser marcados por flexão relacional em todas as pessoas (cf. LEITE e VIEIRA, 1998, p. 21-22). Essa mesma mudança ocorreu no Anambé do Cairari (JULIANO, 2005), como ilustrado adiante.

Araweté

- 15) *haiwε* *be* ϕ -há *te-tã-we*
 Amanhã 1 R¹-ir 1 CORR-aldeia-para
 ‘amanhã eu vou para minha aldeia’
- 16) *kaʔã-we* **hé** *r-eká*
 mato-LOC 1 R¹-estar.em.mov.
 ‘eu estou no mato’
- 17) *kaʔã-we* *midé* *r-eká*
 mato-LOC 12(3) R¹-estar.em.mov.
 ‘no mato nós estamos’
- 18) *marimũ* *pa* *né* ϕ -há *Belém-ipi*
 por que p 2 R¹-ir Belém-LOC
 ‘por que você vai para Belém?’
- 19) *iáruʃjú* *u-wabẽ* *didí* *i-há-putá*
 canoa 3-chegar depois R²-ir-PROJ
 ‘depois que o barco chegar ele vai’

No Asuriní do Tocantins, embora o Indicativo II seja acionado apenas na terceira pessoa, como ocorre no Asuriní do Xingu, o sufixo *-i* desse modo se combina tanto com temas terminados por vogal quanto com temas terminados por consoante. Já em línguas como o Kayabí (subconjunto VI), o cognato deste sufixo ocorre na primeira e terceira pessoas.

Asuriní do Tocantins

- 20) *sé* *r-õp-áv-a* ϕ -pípé *i-kér-i*
 1 R²-estar.deitado-nc-ARG R²-dentro R¹-dormir-IND.II
 ‘na minha rede ele dormiu’ (CABRAL e RODRIGUES, 2003, p. 88)
- 21) *ka’á-φ* ϕ -piér-ípé *h-eká-j*
 mato-ARG R²-meio-LP R²-estar.em.mov-IND.II
 ‘no mato ele está’ (CABRAL e RODRIGUES, 2003, p. 88)

Kayabí

- 22) *ai’ive* ʔha ϕ -jaug-i
 amanhã 3MSG R²-banhar-IND.II
 ‘amanhã ele vai banhar’ (WEISS 1998, p. 87)

- 23) ʔ-pe je ϕ - \acute{o} - j
 água 1 R²-ir-IND.II
 ‘eu vou no rio’ (WEISS, 1998, p. 87)

Quanto ao Wayampí, não se verifica manifestação do modo Indicativo II, mas, como observado por Jensen (1990, p. 106), há nela, vestígios do antigo sufixo em alguns temas verbais terminados em vogal, o que prova ter esse modo existido em um estágio anterior da língua:

- 24) pee $r-upi$ $ekoj$
 caminho R¹-pelo estar.em.mov.
 ‘está (em movimento) pelo caminho’
- 25) $Mariri$ pe Tuj
 Mariri LOC estar situado ou deitado
 ‘ele está morando em Mariri’

Diante desses dados, cogitamos a hipótese de que, até a época em que o Araweté perdeu as consoantes finais, o sufixo do modo indicativo II estaria sendo marcado apenas em temas terminados por consoante, como ocorre na atualidade com o Asuriní do Xingu. Entretanto, depois da queda dessas, o sufixo teria desaparecido completamente da língua, mas a estrutura argumental do núcleo do predicado verbal se manteve intacta. O mesmo quadro pode ter sido o do Anambé do Cairari que, como o Araweté, perdeu as consoantes finais e preservou a estrutura argumental Tupí-Guaraní (TG) do predicado, nesse modo. Note-se que o Wayampí, mesmo tendo perdido as consoantes finais, preservou vestígios do sufixo do modo indicativo II em temas terminados por consoante, o que indica que, antes da queda das consoantes finais, flexionava temas terminados em vogal com o sufixo do modo indicativo II.

Sobre a manifestação do modo gerúndio nas línguas comparadas

O modo gerúndio se manifesta nas línguas da família Tupí-Guaraní quando há correferência entre o sujeito de um predicado dependente e o sujeito do predicado principal de uma oração. O predicado principal caracteriza-se pela manifestação do modo indicativo I ou II, ao passo que o dependente tem o seu núcleo flexionado pelo sufixo do modo gerúndio. Se este é transitivo,

recebe flexão relacional, mas se é intransitivo, recebe prefixos correferenciais. No Asuriní do Tocantins, no Asuriní do Xingu e no Kayabí, o sufixo de gerúndio é *-w* em temas terminados por vogal, *-ta* em temas terminados por *j*, e *-a* em temas terminados por consoante. O Wayampí, por outro lado, perdeu as marcas de gerúndio Tupí-Guaraní, tendo mantido, deste modo, apenas a combinação de temas transitivos com prefixos relacionais.

Asuriní do Xingu

- 26) *ga* *úβ-a* *w-er-á* *φ-eru-atá-w*
 3 MSG 3 CORR.pai-ARG 3 CORR-CCOM-ir **R²-CCOM-andar/caçar-GER**
 ‘ele foi caçar com o pai dele (de outro)’
- 27) *a-jat* **te-puraá-ta** *ne*
 1-vir **1 CORR-dançar-GER** INT
 ‘eu vim para dançar’ (MONSERRAT, 1998, p. 17)
- 28) *ká’á-we* **ŋj** *φ-á* **u-kít-a**
 mato-LOC 3PSG ¹-ir **3-dormir-GER**
 ‘no mato, ele foi dormir’ (MONSERRAT, 1998, p. 17)

Asuriní do Tocantins

- 29) *b-esá-páp-a* *i-há-j*
 R²-ver-completamente-GER R²-ir- IND.II
 ‘ele foi vendo tudo’ (CABRAL, dados de campo)

O Araweté perdeu o sufixo de gerúndio, mas continua a manifestar outras características morfossintáticas desse modo. Em predicados transitivos, os núcleos destes combinam-se com flexão relacional e os intransitivos com prefixos correferenciais (cf. LEITE e VIEIRA, 1998 p. 24), quando o sujeito desses é correferente com o sujeito do predicado principal.

- 30) *a-ŋjñã* *ku* **te-á**
 1-cantar NA **1 CORR-ir**
 ‘eu cheguei cantando’
- 31) *ere-wabē* *ku* *né* **e-je’lá** *ku* *né*
 2-chegar NA 2 **2 CORR-chorar** NA 2
 ‘você chegou chorando’
- 32) *e-já* **e-jabu**
 2-vir **2 CORR-banhar**
 ‘venha banhar!’

- 33) *hé* *ku* *a-mará* *i-mu-pẽ*
 1 NA 1-fazer/mandar R²-CAUS-quebrar
 ‘eu fiz ele quebrar’
- 34) *he* *ku* *a-mará* *ium-nĩ*
 1 NA 1-fazer/mandar R²-CAUS-correr
 ‘eu fiz ele correr’
- 35) *ee* *ku* *u-mará* *i-mu-pe-ukã*
 3 NA 3-fazer/mandar R²-CAUS-quebrar-CPREP
 ‘ele o mandou quebrá-lo’

O mesmo ocorre com o Anambé do Cairarí, sendo que esta língua desenvolveu uma nova marca de gerúndio, a partícula *na* (cf. CABRAL et al 2006).

- 36) *iba* *ne* ϕ -*ibũ* *ne* ϕ -*jukã* *na*
 1 2 R¹-furar 2 R¹-matar GER
 ‘eu furo você para matar você’

Nesse aspecto, o Araweté combina com todas as línguas aqui citadas que mantêm o modo gerúndio, mas é com o Anambé do Cairarí que compartilha mais semelhanças. Também a estrutura argumental dos predicados verbais nesse modo é indicação de que, em uma perspectiva temporal, mantém mais afinidades com as línguas dos subconjuntos IV, V e VI.

Expressão de paciente quando este não é uma terceira pessoa

As línguas da família Tupí-Guaraní servem-se de uma variedade de estratégias para expressar as relações entre agente e paciente, motivadas por princípios pragmáticos. Cabral, em seu artigo ‘*O desenvolvimento da marca de objeto de 2a. pessoa plural em Tupí-Guaraní*’ (2001), mostrou que, nas línguas Tupí-Guaraní, quando o agente é uma primeira pessoa e o paciente uma segunda pessoa, há línguas que marcam no verbo apenas o objeto, como ocorre em Tupinambá, Guaraní Antigo, Chiriguano, Tapirapé, Zo’ê, Wayampí, entre outras. Línguas como essas possuem duas marcas acusativas que se combinam com o tema verbal: *oro-/uru-/ara-/ro-* ‘2’ e *opo-/poro-/puru-/ãpa-/po-* ‘23’. Nessas situações, ou apenas o paciente é expresso no verbo, ou tanto o agente quanto o paciente são marcados nele.

Os exemplos do Tupinambá abaixo ilustram o primeiro caso (RODRIGUES, 1981):

- 37) **oro-nupã**
 2 ACUS-bater
 ‘eu/nós(excl.) bato/batemos em você’
- 38) **opo-nupã**
 23 ACUS-bater
 ‘eu/nós(excl.) bato/batemos em vocês’

O Asuriní do Xingu ilustra o segundo caso. Possui a marca *uru-* para expressar o paciente ‘2’ quando o agente é ‘1’ ou ‘12’, como ocorre no Tupinambá, no Guaraní Antigo e no Chiriguano, entre outras. Quando o paciente é ‘23’, contudo, combina as marcas subjetivas *a-* ‘1nom’ ou *uru-* ‘13nom’ com o morfema *-puru-* ‘23acus’ (MONSERRAT, 1998). O Tembé e o Kaiwá são outras línguas apontadas por Cabral (2001) que fazem uso dessa mesma estratégia. O Emérillon, que é uma língua muito próxima do Wayampí e do Zo’é, possui uma forma *a-poro* usada quando ‘1’ ou ‘13’ agem sobre ‘23’ (MAUREL, 1998). Essa forma do Emérillon levou Cabral (2001) a considerá-la uma indicação a mais de que no Proto-Tupí-Guaraní, quando ‘1/13’ agiam sobre ‘23’ as formas usadas eram **a-poro* e **oro-poro*, respectivamente, tendo o Emérillon estendido a antiga combinação de *a-* ‘1’ + *poro-* ‘23 acus’ para expressar qualquer agente de primeira pessoa agindo sobre a segunda pessoa do singular.⁵

As línguas Asuriní do Xingu, Wayampí e Araweté divergem quanto à expressão dessas relações quando o objeto é ‘23’. O Asuriní do Xingu, segundo Cabral (*ibidem*), seria mais conservador na expressão dessas relações:

- 39) (*ijé*) *a-puru-nupã*
 1 1NOM-23 ACUS-bater
 ‘eu bato em vocês’
- 40) (*uré*) *uru-puru-nupã*
 (13) 13NOM-23 ACUS-bater
 ‘nós (incl.) batemos em vocês’

O Wayampí, como mencionado acima, é uma das línguas que possui duas formas acusativas *oro-* ‘2 acus’ e *poro-* ‘23 acus’. Segundo Cabral (2001), a forma fonológica do morfema ‘23acus’ seria mais próxima da forma do Asuriní do Xingu do que de formas como *opo-* ‘23 acus’ do Tupinambá.

⁵ Segundo Cabral (2001), nas línguas em que são identificadas duas formas acusativas, a forma que marca ‘23acus’ teria resultado da redução de *a-poro* e *oro-poro*, como são os casos das formas *opo-* ‘23acus’ do Tupinambá e da forma *ãpa-* ‘23acus’ do Tapirapé.

Diferentemente do Asuriní do Xingu, o Wayampí teria, contudo, eliminado a combinação de marcas subjetivas com as marcas acusativas, como mostram os exemplos abaixo:

- 41) *ijé* **oro-mo-pirã**
 1 2-CAUS-vermelho
 ‘eu pinto você’
- 42) *ijé* **poro-mo-pirã**
 1 23-CAUS-vermelho
 ‘eu pinto vocês’
- 43) *oré* **oro-mo-pirã**
 13 2-CAUS-vermelho
 ‘nós (excl.) pintamos você’
- 44) *oré* **poro-mo-pirã**
 13 23-CAUS-vermelho
 ‘nós (excl.) pintamos vocês’

O Araweté, como descrito por Leite e Vieira (1998), expressa essas relações de maneira distinta. O paciente é expresso por meio de formas pronominais absolutivas e o agente é expresso por meio de formas independentes:

- 45) *né* *r-etsã* *Ku* **heá**
 2 R¹-ver NA 1
 ‘eu vi você’
- 46) *pé* *r-etsã* *ku* **heá**
 23 R¹-ver NA 1
 ‘eu vi vocês’
- 47) *hé* *r-etsã* *ku*
 1 R¹-ver NA
 ‘ele me viu’
- 48) *né* *r-etsã* *ku* **oré**
 2 R¹-ver NA 13
 ‘nós vimos você’
- 49) *pé* *r-etsã* *ku* **oré**
 23 R¹-ver NA 13
 ‘nós vimos vocês’

Esse mesmo padrão é atestado em Anambé do Cairari (JULIÃO, 2006):

- 50) \tilde{u} **iha** ϕ -*nupĩ*
 3 1s REL-bater
 ‘ele me bate’ (JULIÃO, 2006)
- 51) \tilde{u} *iba* ϕ -*ibũ* **iha** ϕ -*jukã ná*
 3 1s REL-esfaquear 1s REL-matar Ger
 ‘ele me esfaqueou para me matar’ (JULIÃO, 2006)

O Kayabí usa para a situação em que o sujeito é de primeira pessoa e o objeto é de segunda o mesmo padrão da situação em que o sujeito é de primeira pessoa e o objeto de terceira.

- 52) *a-nupã* *je* *pẽẽ*
 1-bater 1 23
 ‘eu bato em vocês’ (DOBSON, 1988, p. 39)

Nas situações em que o paciente é de primeira pessoa e o agente é de segunda ou de terceira pessoa, a maioria das línguas Tupí-Guaraní não flexiona o tema verbal por meio de prefixos pessoais, mas por meio de prefixos relacionais que marcam a contigüidade do determinante (paciente). Esse é codificado por meio de pronomes dependentes que formam com o determinado uma unidade sintática.

Kajabí

- 53) *je* ϕ -*nupã* *’ŋa*
 1 R²-bater 3PL(M)
 ‘eles me bateram’ (DOBSON, 1988, p. 39)
- 54) *ore* *r-esag* *ape*
 1 R²-bater 2
 ‘você nos vê’ (DOBSON, 1988, p.39)

Asurini do Tocantins

- 55) *se* ϕ -*nupo*
 1 R²-bater
 ‘eles me bateram’
- 56) *ore* *r-eság* *ipe*
 1 R²-bater 2
 ‘você(s) nos vê/viram’

Asuriní do Xingu

57) *ore* *r-esak* *ape*
 1 r^2 -bater 2
 ‘você nos vê’

58) *ore* *r-esak* *pejepe*
 1 r^2 -bater 23
 ‘você nos vê’

Note-se que, quando o agente é de segunda pessoa, este é marcado por formas pronominais específicas que ocorrem em posição imediatamente pós-verbal. Leite e Vieira (1998, p. 13) identificaram cognatos desses pronomes em Araweté, *jepe* e *pejepe*, mas, segundo as autoras, essas formas ocorrem sempre que uma primeira pessoa e uma segunda pessoa agem uma sobre a outra, sendo opcional nas situações em que o agente é de primeira pessoa e obrigatória quando o agente é de segunda pessoa.

59) a) *he-r-exan ky pe (pejepe)*
 1^{sg}-rel.-ver ky vocês (2^a pl.)
 “você me viram”

b) *pe-nypin ky he (pejepe)*
 2^apl-bater ky eu (2^apl.)
 “eu bati em vocês”

60) *a-nypin* *ky* *hé* ***jepé***
 1-bater ky 1 2
 ‘eu bati em você’ (LEITE e VIEIRA, 1998, p. 13)

61) *a-etjã* *ky* *hé* ***pejepé***
 1-ver ky 1 23
 ‘eu vi vocês’ (LEITE e VIEIRA, 1998, p. 13)

Wayampí

62) *peje* *e* Φ -*moajã*
 23 1 R1-empurrar
 ‘você me empurram’

Como pode ser observado, o Araweté e o Anambé estenderam esse padrão para os casos em que o agente é de primeira pessoa e o paciente de segunda pessoa, sendo que o Anambé foi mais além, estendendo-o também para a situação em que o objeto é de terceira pessoa:

- 63) *iba* *ũ* *ϕ-nupĩ*
 1s 3 R¹-bater
 ‘eu o bati’ (JULIANO, 2006)

O contraste dessas estruturas mostra que, também nesse aspecto, é com o Anambé que o Araweté compartilha mais afinidades.

A existência de pronomes de terceira pessoa

Pronomes de terceira pessoa não são uma das características da família Tupí-Guaraní. Apenas algumas línguas desenvolveram esses pronomes, entre as quais o Asuriní do Xingu, o Kayabí e o Araweté. O Asuriní do Xingu distingue três pronomes de terceira pessoa: uma terceira pessoa masculina singular, *ŋá*; uma terceira pessoa feminina singular, *ẽ*; e, uma terceira pessoa plural, *ŋí*. Diferentemente do Kayabí, o Asuriní do Xingu não faz a distinção entre as formas pronominais usadas na fala feminina das formas usadas na fala masculina. O Araweté, por outro lado, possui um único pronome de terceira pessoa *ẽ(ẽ)* ~ *e(e)*, mas de uso muito mais restrito que o dos pronomes de terceira pessoa do Asuriní do Xingu. O Anambé também desenvolveu um pronome de terceira pessoa, mas nessa língua a forma desse pronome é *ũ*. Já o Wayampí e o Asuriní do Tocantins não possuem pronome de terceira pessoa. Alguns exemplos que ilustram as formas de terceira pessoa em Asuriní do Xingu e em Araweté são dados a seguir:

Asuriní do Xingu

- 64) *ẽ* *o-jaʔá*
 3fsg 3-chorar
 ‘ela chorou’
- 65) *ŋá* *o-jaʔá*
 3msg 3-chorar
 ‘ele chorou’
- 66) *ŋí* *r-erakvár-a*
 3pl R¹-marido-ARG
 ‘marido delas’

Araweté

- 67) *ée* *ku* *atsũsĩ* *u-jukã*
 3 NA guariba 3-matar
 ‘ele/ela/eles matou/mataram guariba’

O desenvolvimento de um pronome de terceira pessoa no Araweté, com forma correspondente à forma da terceira pessoa feminina do Asuriní do Xingu, é outra indicação de que essa língua se aproxima mais das línguas do subconjunto V.

Existência de um morfema de negação $j\tilde{v}$

Das línguas comparadas, o Asuriní do Xingu e o Araweté são as únicas que possuem um morfema de negação com uma forma $-j\tilde{v}$. No Asuriní do Xingu, a forma é $j\tilde{u}$ (MONSERRAT, 1988) e a ocorrência dessa é observada apenas no modo imperativo. No Araweté, a forma é $n\tilde{ã} \sim ja$, descrita por Leite e Vieira (1998) como negação sentencial. Hipotetizamos que a forma original desse morfema teria sido $*j\tilde{o}$ e que teria sido usado em construções negadas no modo imperativo. O Asuriní do Xingu fundiu os reflexos de PTG $*\tilde{o}$ com os reflexos do PTG $*\tilde{u}$, o que explica a possibilidade de mudança de $*j\tilde{o} > j\tilde{u}$, já o Araweté teria mudado \tilde{o} para $\tilde{ã}$ em sílaba final átona $*j\tilde{o} > j\tilde{ã}$.

Se o morfema de negação $-j\tilde{ã} \sim -n\tilde{ã}$ do Araweté for cognato do Asuriní $-j\tilde{u}$, como propomos, em algum momento de sua história teria substituído o padrão de negação de predicado Tupí-Guaraní *na ...-i*, pela negação, por meio de $-j\tilde{ã}$. É interessante notar que o Anambé (JULIANO, 2005) também substituiu o antigo padrão de negação de predicados Tupí-Guaraní por uma partícula enclítica ao núcleo verbal, embora a forma fonológica desta tenha outra origem, cognata do morfema de negação encontrado no Ararandewára, outra língua que Rodrigues e Cabral incluíram no subconjunto V da família Tupí-Guaraní (RODRIGUES e CABRAL, 2002).

Presença de uma marca de subjuntivo derivável de $-rame \sim -ame$

Uma das características distintivas das línguas Tupí-Guaraní setentrionais é a forma do morfema que marca o modo subjuntivo. Línguas como o Asuriní do Xingu, o Anambé e o Wayampí têm formas deriváveis de $-rame \sim -ame$. Já línguas como o Kayabí e o Asuriní do Tocantins têm a formas $-ramo \sim -amo$:

Kayabí

- 68) *muku ene r-eko-ramũ ore r-ea-ramũ ene r-ee jepi*
 longe 2 R¹-estar-SUBJ 13 R¹-olho-TRANS 2 R¹-sobre HAB
 ‘enquanto você estava longe daqui, nós sempre pensávamos em você’ (DOBSON, 1998, p. 120)

Asuriní do Tocantins

- 69) *né ø-há-ramo a-ken ta né r-opá-pe*
 2 R²-ir-subj 1-dormir proj 2 R²-rede-loc
 ‘se você for, eu vou dormir na tua rede’

Wayampí

- 70) *Ne-a-reme a-ja'a Ta né r-é*
 2-ir-SUBJ 1-chorar PROJ 2 R1-em.rel.a
 ‘quando você for embora, eu vou chorar’

Asuriní do Xingu

- 71) *je r-ÿja ø-aí-rame a-ja'a*
 1 R²-dente-arg R²-dente-SUBJ 1-chorar
 ‘quando meu dente doeu, eu chorei’

Araweté

- 72) *ne jeʔa-mē he ø-tʃiriʔi he Jepe*
 2 chorar-SUBJ 1 R¹-triste 1 ENF
 ‘se você chorar, eu fico triste’

Também com respeito à forma do morfema que marca o modo subjuntivo, o Araweté se aproxima mais do Asuriní do Xingu e do Anambé.

Outras observações

Os resultados da comparação de alguns aspectos da morfossintaxe do Araweté com outras línguas Tupí-Guaraní são indicadores de que essa língua compartilha mais afinidades com o Anambé do Cairari e com o Asuriní do Xingu do que com línguas dos subconjuntos IV, VI e VIII. Essas afinidades constituem fundamentos adicionais aos apresentados por Rodrigues (1985) para a inclusão do Araweté no subconjunto V do seu modelo de diversificação da família lingüística Tupí-Guaraní. Se agora reunimos as semelhanças gramaticais compartilhadas pelo Araweté com as demais línguas do ramo V, com as correspondências fonológicas já

observadas por Rodrigues (1985), por Rodrigues e Cabral (2002) e por Solano (2004), fica ainda mais claro que a diferenciação do Araweté dentro da família Tupí-Guaraní ocorreu quando esse se desmembrou do ancestral comum ao Asuriní do Xingu e ao Anambé, ou seja, da proto-língua intermediária a partir da qual o subconjunto V se diversificou. No quadro 2, reunimos características fonológicas e gramaticais que reforçam a idéia de que o Araweté é um membro do subconjunto V da família Tupí-Guaraní.

Quadro 2 - Características fonológicas e gramaticais do PTG, Asuriní do Tocantins, Kayabí, Asuriní do Xingu, Araweté, Anambé, Wayampí

PTG	Asuriní do Tocantins	Kayabí	Asuriní do Xingu	Araweté	Anambé	Wayampí
*C#	C#	C#	C#	∅	∅	C# (n, ŋ), ∅
*pʷ	kw	ϕ	Pw	p	pw/ kw	pw/ kw
*p/ _u	p	ϕ	ϕ	ϕ		p
*pʲ	tʃ ~ s	ts ~ s	tʃ	tʃ	tʃ	s
*kʲ	k	s	k, mas *kʲet > kit	tʃ	tʃ	k
*a#	a	a	a	ã	ã	a
*ã#	o	ã	ĩ	ĩ > ã	ĩ	ã
*a/ _n, ŋ	i	ã	ĩ	ĩ > ã	ĩ	ã
*a/ _m#	o	ã	ĩ	ĩ > ã	ĩ	ã
*o#	a	o	a	a	u/o	o
acento final	+	+	+	+	+	+/-
pronomes de terceira pessoa	-	+	+	+	+	-
prefixos pessoais correferenciais em todas as pessoas	+	+	+	+	+	-
prefixo correferencial de 1ª pessoa te-	-	+	+	+	+	-
modo gerúndio	+	+	+	+	+	apenas verbos transitivos
sufixo de gerúndio	+	+	+	-	(+)	-
modo indicativo II em todas as pessoas	-	-	-	+	+	
sufixo do modo indicativo II	+	+	+	-	-	-
sufixo do modo indicativo II seguindo temas terminados em vogais	+	+	-			
presença das formas <i>jebé</i> e <i>pejebé</i> ou correlatas	+	+	+	+	-	-
pronomes acusativos	+	+	+	-	-	+
marca de subjuntivo derivada de <i>-rame</i>	-	-	+	+	+	+

Note-se que o Araweté sofreu algumas mudanças vocálicas não compartilhadas por outras línguas da macro-região em que é falado, mas, no estágio anterior a essas mudanças, apresentava regularidades fonológicas compartilhadas com o Asuriní do Xingu e com o Anambé e não com as demais línguas comparadas. Assim, para que o Araweté mudasse os reflexos do PTG **ã* em *ĩ*, teria sido necessário que a pronúncia do primeiro fosse na época da mudança *ĩ* como são as pronúncias atuais desses reflexos em Asuriní do Xingu e no Anambé (PTG *-*nupã*; Asuriní do Xingu -*nupĩ*; Araweté -*nupĩ*, Wayampí -*nupã* ‘bater’; PTG *-*akáɨ*: Asuriní do Xingu -*akáɨ*: Araweté -*atfĩ*, Wayampí -*akã*).

A essas características, acrescentamos algumas indicações lexicais que tornam ainda mais sugestivas as afinidades entre o Araweté, o Asuriní do Xingu e o Anambé. A primeira delas são as palavras para ‘esposo’ e ‘esposa’, que, nessas línguas, são derivadas, respectivamente, dos nomes do PTG *-*er-eko-at* / -ccom-estar.em.mov.-NA/ e *-*emi-rekó* / (RODRIGUES, 1998). Em Araweté, -*erekũ* é a forma para ‘esposo’, e -*emidiká*, para ‘esposa’; em Asuriní do Xingu, -*erakwat* ‘marido’, -*emirika* ‘esposa’; Anambé, -*erekwã* ‘marido’, -*emiriko* ‘esposa’. Ressalte-se, ainda, a forma do verbo acordar, que é *mij* em Asuriní do Xingu e -*mĩ* em Araweté, deriváveis do PTG *-*mij* ‘bulir’, ‘mexer-se’ e não do PTG *-*pak* ‘acordar’, como em Asuriní do Xingu, Wayampí e Kajabí. Dentre outras afinidades lexicais, destacamos, também, a palavra para ‘pedra grande’ e ‘pedra pequena’ que são, respectivamente, *itáúú* e *itáĩ* em Asuriní do Xingu e *tábó* e *itá?ɨ* em Araweté, em contraste com *takuruasu* e *takurúwa?i* do Wayampí; e a palavra para ‘banco’, que, em Asuriní do Xingu, é -*enáp* e em Araweté é -*ẽnã* do PTG *-*enáβ* ‘lugar de estar sentado’ e não -*apiká* (< PTG *-*apikáβ* ‘lugar de sentar-se’), como em Wayampí.

Com o avanço da descrição lingüística da língua Araweté que ora desenvolvemos, pretendemos avançar também no conhecimento da história interna dessa língua. Com isso, esperamos contribuir para o detalhamento do modelo arbóreo da família Tupí-Guaraní proposto por Rodrigues (1985), quando dados de línguas como o Araweté ainda eram escassos⁶, mas cuja validade tem-se reafirmado quando mais dados dessas línguas tornam-se acessíveis, o que também confirma a eficácia do Método Histórico Comparativo.

⁶ Rodrigues chegou a receber, do antropólogo Viveiros de Castro, novos dados da língua Araweté, mas quando o seu trabalho sobre a classificação interna da família Tupí-Guaraní já havia sido entregue para publicação. O que foi uma pena, pois parte do que foi acrescentado aqui como indicações de afinidades genéticas entre o Araweté, o Asuriní do Xingu poderia ter sido explorada na época, fortalecendo ainda mais a proposta de Rodrigues.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CABRAL, A. S. A. C. ; RODRIGUES, A. D. ; COSTA, L. S. . Notas sobre ergatividade em Xikrin. **Liames**, Campinas, v. 4, p. 21-28, 2004.

CABRAL, A. S. A. C. O desenvolvimento da marca de objeto de 2ª pessoa plural em Tupí-Guaraní. In: CABRAL, A. S. A. C.; RODRIGUES, A. D. (Orgs.). **Estudos sobre Línguas Indígenas I**. Belém: UFPA, p. 117-145, 2001.

CABRAL, A. S. A. C.; et al. Linguistic diffusion in the Tocantins-Mearim area. In: CABRAL, A. S. A. C.; RODRIGUES, A. D. (Org.). **Línguas e Culturas dos Povos Tupí**. Brasília: Dupligráfica Editora, v. 1, [s.p], 2006 (no prelo).

CABRAL, A. S. A. C.; RODRIGUES, A. D. Evidências de crioulização abrupta em Kokáma?. **Papia Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares**, Brasília, v. 13, p. 180-186, 2003.

CABRAL, A. S. A. C.; SOLANO, E. J. B. Sobre as línguas Tupí-Guaraní do Xingu e os seus deslocamentos pré-históricos. In: SIMÕES, M. S. (Org.). **Sob o signo do Xingu**. Belém: UFPA/IFNOPAP, p. 17-36, 2003.

CALDAS, R. B. C. **Aspecto, Modo de Ação e Modalidade na Língua Ka'apor**. 2001. 86 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.

CASTRO, E. B. V. **Araweté**: os deuses canibais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.

CORRÊA DA SILVA, B. C. **Urubu-Ka'apor**: da Gramática à História – a trajetória de um povo. 1997. 119 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras da Universidade de Brasília, Brasília, 1997.

DOBSON, R. **Aspectos da língua Kayabí**. Série Linguística, vol. 12. Brasília: SIL, 1988.

JENSEN, C. J. S. **O desenvolvimento histórico da língua Wayampí**. (Série Línguas Indígenas). 2 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

JULIÃO, M. R. S. **Aspects morphosyntaxiques de Panambé**. 2005, [s.f], Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Université de Toulouse le Mirail, Toulouse, 2005.

KAKUMASU, J. Urubú-Ka'apor. In DERBYSHIRE, D. C.; PULLUM G. K. (eds.), **Handbook of Amazonian Languages**, v. I, Berlin/New York: Mouton de Gruyter, p. 326-403, 1986.

LEITE, Y. F. et al Fonética acústica e representação fonológica: as vogais do Araweté. In: CONGRESSO DA ASSEL, 9, 1999, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Assel, 1999.

LEITE, Y. F. Para uma tipologia ativa do Tapirapé. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, v. 18, p. 37-56, 1990.

LEITE, Y. F.; VIEIRA, M. D. Observações preliminares sobre a língua Araweté. **Moara – Revista. dos Cursos de Pós-Grad. em Letras da UFPA**, Belém, v. 9, p. 7-31, 1998.

MAGALHÃES, M. M. S. **Aspectos fonológicos e morfossintáticos da língua Guajá**. 2002. [s.f]. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Letras da Universidade de Brasília, Brasília, 2002.

MAUREL, D. Éléments de grammaire Eméridon. **Chantiers Amérindia**, Paris, Supplément 1 au n. 23.[s.p], 1998.

MONSERRAT, R. M. F.; **Irmãzinhas de Jesus. Língua Asuriní do Xingu**: Observações gramaticais. Altamira: Conselho Indigenista Missionário, [s.p.] 1998.

RODRIGUES, A. D. Casos de Gramaticalização em Línguas Tupí-Guaraní. In: SEMINÁRIO PERMANENTE DE LÍNGUAS INDÍGENAS DA UFPA, 1998, Belém. **Anais...** Belém: UFPA, 1998.

RODRIGUES, A. D. **Estrutura do Tupinambá** (ms), 1981.

RODRIGUES, A. D. Morfologia do verbo tupi. **Letras**, Curitiba, v. 1, p. 121-152, 1953.

RODRIGUES, A. D. Relações internas na família lingüística Tupí-Guaraní. **Revista de Antropologia**. São Paulo, v. 27/28, p.33-53, 1985.

RODRIGUES, A. D.; CABRAL, A. S. A. C. Revendo a classificação interna da família Tupí-Guaraní. In: CABRAL, A. S. A. C.; RODRIGUES, A. D. (Orgs.). **Línguas indígenas brasileiras**: fonologia, gramática, história. v. I, Belém: EDUFPA, p. 327-337, 2002.

SILVA, T., F. **Classes Verbais e Algumas Questões Pragmáticas na Língua Ka'apor**. 2001. [s.f.] Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.

SOARES, M. F.; LEITE, Y. F. Vowel shift in the Tupi-Guaraní language family: a typological approach. In: KEY, M. R. (ed.) **Language Change in South American Indian Languages**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, p. 36-53, 1991.

SOLANO, E. J. B. **A posição do Araweté na Família Tupi-Guarani: considerações lingüísticas e históricas**. 2004. [s.f] Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Pará, Belém, 2004.

SOLANO, E. J. B. Análise Comparativa de Aspectos Fonológicos das Línguas Asuriní do Xingu, Araweté e Wayampí. In: SIMÕES, M. S. (Org.). **Revisitando o Marajó: um arquipélago sob a ótica da ciência, educação e biodiversidade**. Belém: NUMA/UFPA/IFNOPAP, p. 11-27, 2005.

SOLANO, E. J. B.; CABRAL, A. S. A. C. “Nós somos pele”: o desenvolvimento de um pronome “nós” em Araweté. In: WORKSHOP LINGÜÍSTICA HISTÓRICA E LÍNGUAS EM CONTATO – LÍNGUAS INDÍGENAS DO BRASIL E DE ÁREAS ADJACENTES, Brasília. **Anais...Brasília:UnB**, 2005.

WEISS, H. E. **Para um dicionário da língua Kayabí**. 1998. 247f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

Recebido em julho de 2006.

Aprovado para publicação em novembro de 2006.

Publicado em dezembro de 2006.

SOBRE AS AUTORAS

Ana Suelly Arruda Câmara Cabral é doutora em Lingüística pela University of Pittsburgh - U.P. Realizou Pós-Doutorado em Lingüística Histórica na Universidade de Brasília -UnB. Foi professora da Universidade Federal do Pará e, atualmente, é professora adjunto IV na Universidade de Brasília – UnB, onde atua na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Lingüística. É líder, juntamente com o Prof. Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues, do grupo de pesquisa *Línguas Indígenas* (CNPq/UnB); co-organizadora de vários livros, entre os quais: *Novos Estudos*

sobre Línguas Indígenas; *Dicionário Asuriní do Tocantins – Português*; *Por uma educação indígena diferenciada*; *Mair ixo rahã yman ke je*, autora de capítulos de livro, entre os quais; *Sobre a História das Línguas Tupí-Guaraní Faladas no Tocantins*; *O desenvolvimento do gerúndio e do subjuntivo em Tupí-Guaraní*; *O desenvolvimento da marca de objeto de segunda pessoa plural em Tupí-Guaraní*; *Algumas observações sobre a história social da língua geral amazônica*. autora de vários artigos publicados em revistas especializadas e anais de evento, entre os quais: *Fonologia da língua Zo'e*; *Observações sobre a história do morfema -a da família Tupí-Guaraní*; *A Posição do Akeuntsú na Família Lingüística Tuparí*; *Flexão relacional na família Tupí-Guaraní*; *Contribuição aos estudos comparativos da família Tupí-Guaraní*; *Evidências morfológicas para a não-classificação genética do Kokáma*.

Temas de pesquisa: línguas indígenas; Tronco Tupí; Tronco Macro-Jê; línguas Aruák; fonologia; lexicografia; línguas em contato; gramática e Lingüística Histórica.

E-mail: ana.cabral@pq.cnpq.br

Eliete de Jesus Bararuá Solano é mestre em Lingüística pela Universidade Federal do Pará – UFPA, e doutoranda em Lingüística na Universidade de Brasília – UnB, sob a orientação de Ana Suelly Arruda Câmara Cabral. É pesquisadora do grupo de pesquisa *Línguas Indígenas* (CNPq/UnB). Co-organizadora de um livro; autora e co-autora de capítulos de livro.

Temas de pesquisa: Araweté; Tupí-Guarani.

E-mail: elietesolano@yahoo.com.br